

## O CARNAVAL, O CORPO, A "CARNE", E A ALEGRIA

Gilson Santos

"Chiquita bacana (...) existencialista com toda razão,  
só faz o que manda o seu coração." <sup>1</sup>

### O CARNAVAL



No verbete "carnaval", o *Dicionário Aurélio* traz que "no mundo cristão medieval, era o período de festas profanas que se iniciava, geralmente, no dia de Reis (Epifania) e se estendia até a quarta-feira de cinzas, dia em que começavam os jejuns quaresmais". E acrescenta: "consistia em festejos populares e em manifestações sincréticas oriundas de ritos e costumes pagãos como as festas dionísias, as saturnais, as luperciais, e se caracterizava pela alegria desabrida, pela eliminação da repressão e da censura, pela liberdade de atitudes críticas e eróticas". Por fim, ele aduz ao sentido mais contemporâneo do festival, ou seja, "os três dias imediatamente anteriores à quarta-feira de cinzas, dedicados a diferentes sortes de diversões, folias e folguedos populares, com disfarces e máscaras; tríduo de momo".<sup>2</sup> No Brasil, tradicionalmente conhecido como o país do carnaval, o vocábulo tomou também a acepção metafórica de "confusão", "trapalhada" e "desordem".

Os etimólogos identificam a origem moderna do vocábulo português "carnaval" no italiano *carnevale*, que, no francês, teria assumido a forma tal qual a encontramos em nosso idioma. Estes mesmos estudiosos, entretanto, não são unânimes quanto às origens latinas do moderno vocábulo italiano. Embora seja encontrado já no latim medieval, o termo *carnevale* é de origem incerta.

Alguns sugerem que a origem da palavra encontra-se nas diversões próprias do começo da primavera, tanto na Grécia como em Roma. Em Roma, em glória ao deus Saturno, comemoravam-se as Saturnais. Esses festejos eram de tamanha importância que tribunais e escolas fechavam as portas durante o evento, escravos eram alforriados, as pessoas saíam às ruas para dançar. A euforia era geral. Na Roma dos césares as famosas Saturnais tinham caráter orgiaco. Na abertura dessas festas, carros buscando semelhança a navios saíam na "avenida", com homens e mulheres nus. Estes eram chamados os *carrum navalis* ou *currus navalis*, que significa "carros navais". Alguns dizem que o vocábulo *carnevale* derivou-se desta expressão anterior ao Cristianismo.

Outros sugerem a origem do vocábulo no latim *carnelevament* (carne + levamen), que, se assim for, traz a idéia de "alívio ou consolação da carne", e neste sentido, a palavra "carne" resultaria da influência da teologia cristã e estaria em oposição ao "espírito". O mais provável, entretanto, é que, ou como *carne vale* (adeus carne!), ou *carne levare / carnelevarium* (supressão da carne), palavra dos séculos XI e XII, indicasse a véspera da quarta-feira de cinzas, isto é, a hora em que começava a abstinência da carne durante os quarenta dias nos quais, no passado, os católicos eram proibidos de comer carne. O papa Gregório I, o Grande, transferiu em 590 d.C. o início da Quaresma para a quarta-feira anterior ao sexto domingo que precede a Páscoa. Ao sétimo domingo, denominado de "quínquagésima" deu o título de *dominica ad carne levandas*, expressão que teria sido sucessivamente abreviada, e que significa a ação de retirar, suspender, portanto "retirar a carne" da dieta. Assim, esta interpretação da origem etimológica da palavra nos remete ao início do período da Quaresma que, em sua origem, seria não apenas um período de reflexão espiritual como também uma época de privação de certos alimentos, dentre eles, a carne.

<sup>1</sup> "Chiquita Bacana", marchinha de carnaval, Braguinha-Alberto Ribeiro, 1949

<sup>2</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa, 2ª ed. Revista e aumentada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, *In*: "Carnaval".

O carnaval é um conjunto de festividades populares que ocorrem em diversos países e regiões católicas nos dias que antecedem o início da Quaresma, principalmente do domingo da Quinquagésima à chamada “terça-feira gorda”. Embora centrado no disfarce, na música, na dança e em gestos, a folia apresenta características distintas nas cidades em que se popularizou. Os dias exatos do início e fim da estação carnavalesca variam de acordo com as tradições nacionais e locais, e têm-se alterado no tempo. No Brasil, até a década de 1940, sobretudo no Rio de Janeiro, as festas pré-carnavalescas se iniciavam em outubro, na comemoração de “N. Sra. da Penha”, cresciam durante a passagem de ano e atingiam o auge nos quatro dias anteriores às Cinzas — sábado, domingo, segunda e “terça-feira gorda”. Hoje em dia, em diversos lugares do país, o carnaval inclui a “quarta-feira de cinzas” e dias subseqüentes, chegando, por vezes, a incluir o “sábado de Aleluia”.

## DAS ORIGENS AO BRASIL

A origem histórica do carnaval é obscura. Ela tem sido buscada nas mais antigas celebrações da humanidade, tais como as Festas Egípcias que homenageavam a deusa Ísis e ao Touro Apis. Dez mil anos antes de Cristo, homens, mulheres e crianças se reuniam no verão com os rostos mascarados e os corpos pintados para “espantar os demônios da má colheita”. E assim, a origem do carnaval tem sido atribuída à evolução e à sobrevivência do culto de Ísis, e dos festejos posteriores em honra de Dionísio, na Grécia, e até mesmo às festas dos “inocentes” e “doidos”, na Idade Média, dando origem aos carnavais dos tempos modernos.

De fato, é bastante provável que as raízes do carnaval se encontrem nos festivais religiosos primitivos, pagãos, que homenageavam o início do Ano Novo e o ressurgimento da natureza. Uma forma de celebrar os atos de comer e beber. O rei Momo é uma das formas de Dionísio — o deus Baco, patrono do vinho e do seu cultivo, o que faria recuar para a Grécia arcaica, para os festejos que honravam a colheita. Os gregos festejavam com grandiosidade nas Festas Lupercais e Saturnais a celebração da volta da primavera, que simbolizava o Renascer da Natureza. Gregos e romanos comemoravam suas colheitas saturnais a 17 de dezembro e lupercais a 15 de fevereiro. Muitos historiadores concordam que, assim como outros grandes festivais, também a origem do carnaval está associada a fenômenos astronômicos e a ciclos naturais.

Muitos séculos depois, a celebração acabou tornando-se um festejo típico das cidades européias. O carnaval europeu, em países como Itália e França, começou, na rua, com desfiles de disfarces e carros alegóricos; e, em ambiente fechado, com bailes, fantasias e máscaras.

Salienta uma antropóloga que, na formação da sociedade brasileira, a parceria entre Igreja e Estado fazia com que as festas fossem simultaneamente “sagradas e profanas”. E acrescenta: “As descrições das procissões religiosas facilmente se confundiriam com um desfile carnavalesco”. As festas e procissões, na Colônia, “propiciavam não só divertimento, fantasia e lazer da população, mas, ainda, estabelecer sentido para o papel aparentemente irrelevante do povo”.<sup>3</sup>

No Brasil colonial, e até nos primeiros tempos da República, o carnaval teria como principal nota característica o entrudo (do latim *entroito*, entrada), por influência dos portugueses da Ilha da Madeira, Açores e Cabo Verde, que em 1723 trouxeram esta prática grosseira, que consistia de loucas correrias, em lançar baldes de água sobre os outros, mela-mela de farinha, água com limão, pó de cal (uma brutalidade, que poderia cegar as pessoas atingidas), vinagre, groselha ou vinho e até outros líquidos que estragavam roupas e sujavam ou tornavam mal-cheirosas as vítimas, surgindo depois as batalhas de confetes e serpentinas trazidas da Europa. Escreve um historiador: “O entrudo era uma brincadeira violenta, com uso de água, farinha-do-reino, fuligem, gema, cal, pó-de-sapato, alvaiade e vermelhão, que empapavam o transeunte”.<sup>4</sup> Desde a mais remota antiguidade, até mesmo altos personagens do Império jogavam ovos podres e talos de hortaliças. O entrudo era tolerado pelo imperador Pedro II e foi praticado com entusiasmo, na Quinta da Boa Vista e em seus jardins, pela

<sup>3</sup> AMARAL, Rita. *Deixando o ruim de lado*. Reportagem em *Mente e Cérebro*. Edição Nº 157 - fevereiro de 2006. *Online*: [http://www2.uol.com.br/vivermente/conteudo/materia/materia\\_42.html](http://www2.uol.com.br/vivermente/conteudo/materia/materia_42.html).

<sup>4</sup> Cf. *online*: [http://www.karnaval.com.br/c\\_origem\\_e\\_historia/index.html](http://www.karnaval.com.br/c_origem_e_historia/index.html)

chamada nobreza... O entrudo acontecia num período anterior a quaresma e, portanto, tinha um significado ligado a "liberdade". No Brasil, a antiga modalidade do entrudo foi passando por transformações, recebendo influência das festas carnavalescas que aconteciam na Europa, e assumindo formas "mais leves".

Os historiadores dão conta de que o carnaval carioca é certamente o primeiro do Brasil, e que teria surgido em 1641, promovido pelo governador Salvador Correia de Sá e Benevides em homenagem ao rei Dom João IV, restaurador do trono de Portugal. A festa durou uma semana, do domingo de Páscoa em diante, com desfile de rua, combates, corridas, blocos de sujeitos e mascarados. Outro carnaval bastante conhecido foi o de 1786, que coincidiu com as festas para comemorar o casamento de Dom João com a princesa Carlota Joaquina.

O carnaval do Rio de Janeiro foi ganhando proporções já durante o Império e Primeira República, através dos blocos e os cordões. O primeiro baile de máscaras aconteceu em 1840, no hotel Itália, no largo do Rocio, no mesmo local em que se ergueria depois o teatro e depois cinema São José, na praça Tiradentes, no Rio; e o desfile de carros alegóricos teve início provavelmente em 1885. No carnaval de rua era comum o "trote" e os blocos de sujeitos. O encontro de blocos resultava, às vezes, em batalhas campais de sopapos.

As "escolas de samba" nasceram de redutos de diversão das camadas pobres da população do Rio de Janeiro, em sua quase totalidade negros. Reuniam-se para cultivar a música e a dança do samba e outros costumes herdados da cultura africana. Para a formação desses redutos contribuiu decisivamente a migração de populações rurais nordestinas, que, atraídas para a capital em fins do século XIX, introduziram mudanças no carnaval carioca, até então herdeiro do entrudo português. No entanto, a denominação "escola" só vai surgir em 1928, com a criação de uma escola no bairro do Estácio. No começo, estas "escolas" pouco se distinguem dos blocos e cordões, com ausência de sentido coreográfico e sem qualquer caráter competitivo. Até 1932, quando foi organizado o primeiro desfile, as escolas limitavam-se a percorrer livremente as ruas, acompanhadas por populares. O interesse em fomentar a competição com atração turística começou em 1935, se estendendo a outras capitais brasileiras. Originalmente um festival que contava principalmente com a direta participação popular, hoje o carnaval é caracterizado por desfiles, em que a assistência paga para ver. "O carnaval atual é para ser visto", escreve um historiador.<sup>5</sup>

O crescimento carnavalesco ocorreu com a ajuda das marchinhas. No Brasil, a primeira música, especialmente composta para o carnaval foi o Abre Alas, de Chiquinha Gonzaga, em 1899, composta para o cordão carnavalesco Rosa de Ouro, título alusivo ao presente enviado pelo Papa Leão XIII à princesa Isabel, pela promulgação da Lei Áurea.

## O ENSINO BÍBLICO ACERCA DO CORPO E DA "CARNE"

Estas considerações sobre o carnaval propiciam alguma reflexão sobre o ensino bíblico acerca do corpo e da "carne". Na Bíblia, particularmente nos escritos paulinos, *sarx* (carne) é a inimiga mortal do *pneuma* (espírito). O conflito na alma é exatamente entre a carne, para usar a tradução comum da palavra, e o espírito. "Estes", diz Paulo, "são opostos entre si" (Gl 5.17).

A tradução da palavra grega *sarx* coloca-nos diante de um problema considerável. A ARA traduz Gálatas 5.13: "Não useis da liberdade para dar ocasião à carne". Phillips traduz: "Apenas convém usar de cautela, para que essa liberdade não vá estimular-vos os baixos instintos". William Barclay escreveu que a tradução de *sarx* por "baixos instintos da natureza" aparece de forma bem apta e relevante. Mas este mesmo especialista em grego entende que não é uma tradução inteiramente satisfatória. "Fazer assim subentende que há no homem uma natureza que é capaz de produzir a bondade, assim como há uma natureza que é fadada ao mal", conclui ele. E acrescenta:

O problema com semelhante ponto de vista é que a podridão, a despeito de tudo

<sup>5</sup> Cf. *online*: <http://www.miniweb.com.br/Cidadania/Dicas/carnaval.html?t=012>

quanto temos dito a respeito do homem natural, perpassa a natureza humana inteira; toda a estrutura está minada. É cheio de relevância o fato de que Paulo fala das obras da carne e do fruto do Espírito (Gl 5.19,22). Uma obra é algo que o homem produz por si mesmo; um fruto é algo produzido por um poder que ele não possui. Os homens não podem fabricar um fruto. Isto quer dizer que o homem pode produzir o mal por si só, com bastante facilidade, e não pode deixar de fazê-lo; a bondade, no entanto, tem que ser produzida para ele por um poder que não é seu.<sup>6</sup>

A carne, ilustra Barclay, “é como o inimigo do lado de dentro e que abre o caminho para o inimigo que está forçando a porta”. A carne representa o efeito total do pecado do homem sobre si mesmo e do pecado dos seus pais e de todos os homens que existiram antes dele. A carne é a natureza humana conforme se tornou através do pecado. A carne é o homem enquanto está separado de Jesus Cristo e Seu Espírito.

Assim, “carne” e “espírito” são duas forças opostas dentro da existência humana (Rm 8.9,12). É o não cristão que vive na carne (Rm 7.5; 8.5). O cristão crucificou a carne com suas paixões e desejos (Gl 5.24). Estar na carne é estar sujeito ao pecado (Rm 7.14). Ser dominado pela carne e ser escravo do pecado são a mesma coisa. *Sarx* é a responsável pela situação humana sempre repetida, em que o homem sabe com perfeita clareza o que deve fazer, mas é totalmente incapaz de fazê-lo. É a *sarx* que torna o homem totalmente incapaz de assimilar o ensino que deveria saber receber (1Co 3.1-3). A *sarx* não pode agradar a Deus (Rm 8.8). Pior do que isto, é essencialmente hostil a Deus (Rm 8.7).

Neste sentido específico, *sarx* não é o corpo. Nem significa os tecidos vivos que cobrem o nosso esqueleto ósseo mas, sim, a nossa natureza humana caída e egocêntrica. O comentarista John Stott escreve: “Dois esclarecimentos são necessários. Primeiro, nada há de errado com os desejos naturais do corpo, seja para a comida, para o sono ou para o sexo, pois Deus criou o corpo humano desta maneira”. Deus, antes de existir o pecado, criou o sexo para ser uma bênção na vida de um casal, devendo ser, contudo, exercitado dentro da vontade de Deus (Gn 1.28). A atração pelo sexo oposto deve ser considerada normal na vida de um ser humano (Gn 2.18). A Bíblia, entretanto, nos instrui a controlarmos esta atração e estes desejos, não permitindo que sejamos controlados por eles (1 Ts 4.1-8). A relação sexual é um privilégio do casamento, tendo o próprio Deus ordenado a formalização do compromisso matrimonial como anterior à intimidade e relação sexual entre o casal (Gn 2.24; Mt 19.5; 1 Co 6.16; Hb 13.4). E conclui Stott:

É somente quando o apetite pela comida se transforma em glotonaria, o anseio pelo sono em preguiça, e o sexo é pervertido pela concupiscência, que os desejos naturais se transformam em desejos pecaminosos. Em segundo lugar, as inclinações da carne incluem os desejos errados da mente e não somente do corpo, ou seja: pecados tais como a soberba intelectual, a falsa ambição, a rejeição da verdade conhecida, e pensamentos maliciosos e vingativos (...) Sempre que o “eu” levanta a sua terrível cabeça contra Deus ou contra o homem, eis aí a carne.<sup>7</sup>

O corpo pode tornar-se instrumento do serviço e da glória de Deus; a “carne” não pode. O corpo pode ser purificado e até mesmo glorificado; a “carne” deve ser eliminada e erradicada. Reiteremos que, no pensamento de Paulo, os pecados da carne incluem muito mais do que os pecados que têm a ver com o corpo. Quando Paulo alista as obras da carne, é certo que começa com a imoralidade, a impureza e a licenciosidade, mas daí passa para a inimizade, as contendas, os ciúmes, a ira e o espírito partidário que não são pecados do corpo, de modo algum.

No Novo Testamento, o relacionamento em que uma das partes pode ser comprada e descartada como um objeto, e onde não há união de personalidades nem respeito por estas, é descrito pela palavra *porneia*, de onde se deriva nossa palavra pornografia. Paulo coloca-se contra a

<sup>6</sup> BARCLAY, William. *As Obras da Carne e o Fruto do Espírito*. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 19ss.

<sup>7</sup> STOTT, John R. W. *A Mensagem de Efésios; A Nova Sociedade de Deus*. São Paulo: ABU, 1986, p. 48-49.

imoralidade sexual. O cristão deve abster-se totalmente de tal coisa (1Ts 4.3); deve fugir dela (1Co 6.18); deve mortificar estas atividades (Cl 3.5). O corpo não é para a *porneia*, mas para o Senhor (1Co 6.13). A palavra *eros* não aparece no Novo Testamento. Não porque o NT despreze ou rejeite a dimensão física do amor, mas porque, já nos tempos do NT, esta palavra passara a ser ligada com a concupiscência mais do que com o amor. No Novo Testamento encontramos as palavras gregas *philia*, *storge*, e, sobretudo, a palavra *ágape*. Jesus Cristo insiste que o *ágape* humano deve seguir o padrão do *ágape* de Deus (Mt 5.43-48).

A perspectiva bíblica acerca do homem não é a concepção platônica. Deus criou o homem no seu todo e o homem todo é importante. A doutrina bíblica da encarnação do Logos é vital, e a doutrina bíblica da ressurreição corpórea dos mortos não é coisa superada ou anacrônica. Esta nos diz que o ser humano é importante na sua totalidade. No futuro, o homem será levantado dentre os mortos e redimido inteira e perfeitamente. Escreve Dr. Schaeffer:

Portanto, o ensino bíblico se opõe ao platônico, segundo o qual a alma (o "superior") é muito importante enquanto o corpo (o "inferior") fica com bem reduzida importância. A concepção bíblica opõe-se, de igual modo, à posição humanista, em que o corpo e a mente autônoma assumem grande relevância mas a graça se faz praticamente destituída de significação.

A posição bíblica, acentuada pela Reforma, sustenta que nem a concepção platônica nem a humanista satisfaz. Primeiro, Deus fez o homem todo e está interessado na totalidade do ser humano. Segundo, quando se deu a Queda, fato histórico que ocorreu no tempo e no espaço, ela afetou o homem inteiro. Terceiro, à base da obra de Cristo como Salvador e mercê do conhecimento que temos na revelação das Escrituras, há redenção para o homem no seu todo.<sup>8</sup>

## A ALEGRIA E O CONTENTAMENTO

Alguém disse certa vez que a Bíblia é o livro da "alegria". Uma leitura das Escrituras revela que nada fica mais claro do que a necessidade dos filhos de Deus terem sua alegria e contentamento "no Senhor", e não nas circunstâncias variáveis do dia-a-dia. Fora da soberana vontade do Senhor, onde se descobririam bases para satisfação quando as crises e problemas nos apertassem? A. W. Tozer observou com acerto que "quem tem Deus e mais tudo o que há no mundo, não está melhor colocado na vida do que o homem que tem só Deus". E Dr. Russell Shedd, em seu comentário na Epístola aos Filipenses, lembra-nos da raiz da palavra "contentamento".<sup>9</sup> Contentamento procede de "contém" e "contido". Trata-se da vida cheia de satisfação, porque contém todos os elementos que devem "encher" a vida. É o oposto da vida de sonhos, tempo e mentes vazias, sem alvos alcançados por causa da indolência e ociosidade. Contentamento, diz o autor, "é fruto de energia bem usada, decisões acertadas, porque sob a direção de Deus se investiu o necessário para conseguir os objetivos que Ele colocou no coração".



<sup>8</sup> SCHAEFFER, Francis. *A Morte da Razão*. São Paulo: ABU & FIEL, 1986, pp. 27-28.

<sup>9</sup> SHEDD, Russell P. *"Alegrai-vos no Senhor"; Uma Exposição de Filipenses*. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 105